



## AS “VOZES AUTORIZADAS” SOBRE A COVID-19 NO RADIOJORNALISMO

*The “authorized voices” about the Covid-19 in radio journalism*

*Las “vocês autorizadas” sobre la Covid-19 em el periodismo radiofónico*

*Luãn José Vaz Chagas*

Professor Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

*Luan.chagas@ufmt.br*

### Resumo

O artigo analisa a seleção de fontes especializadas nos radiojornais matutinos veiculados em rede nacional nas emissoras CBN e BandNews entre as datas em que o Brasil atingiu 50 mil e depois 100 mil mortes pela Covid-19. O objetivo foi verificar, por meio de uma análise de conteúdo, como foram acionadas, identificadas e encaixadas as fontes especialistas sobre a temática da pandemia do novo coronavírus. Mesmo em um período de pandemia e da necessidade de informações aprofundadas e verificadas, esse tipo de fonte continuou atuando com um papel secundário no tratamento das informações oriundas de setores tidos como oficiais. Também se verificou uma racionalidade colonizadora na seleção das fontes que ainda mantém em homens brancos, as vozes “autorizadas” a falar sobre a temática.

**Palavras-chave:** radiojornalismo. especialistas. coronavírus.

### Abstract

The article analyzes the selection of expert sources in the morning radio broadcasts on national network in the CBN and BandNews between the dates when Brazil reached 50 thousand and then 100 thousand deaths by Covid-19. The objective was to verify, through a content analysis, how the expert sources on the theme of the new coronavirus pandemic were activated, identified and embedded. Even in a period of pandemic and the need for in-depth and verified information, this type of source continued to play a secondary role in the treatment of information from sectors considered to be official. There was also a colonizing rationality in the selection of sources that still holds in white men, the voices “authorized” to talk about the theme.

**Keywords:** radiojournalism; specialists; coronavirus.

### Resumen

El artículo analiza la selección de fuentes expertas en las transmisiones de radio matutinas de la cadena nacional en CBN y BandNews entre las fechas en que Brasil alcanzó 50 mil y luego 100 mil muertes por Covid-19. El objetivo fue verificar, a través de un análisis de contenido, cómo se activaron, identificaron e incrustaron las fuentes expertas en el tema de la nueva pandemia de coronavirus. Incluso en un período de pandemia y la necesidad de información en profundidad y verificada, este tipo de fuente siguió jugando un papel secundario en el



tratamiento de la información de sectores considerados oficiales. También hubo una racionalidad colonizadora en la selección de fuentes que aún se mantiene en los hombres blancos, las voces “autorizadas” para hablar sobre el tema.

**Palabras llave:** radioperiodismo; especialistas coronavirus.

## 1 INTRODUÇÃO

Não existe uma leitura da objetivada da realidade, afirma Alsina (2009). Para o autor espanhol, os sujeitos conferem sentidos aos acontecimentos. Sponholz (2009) destaca que é preciso aprofundar a discussão sobre objetividade por meio da verificação e repensar as ideias sobre a construção da realidade. O argumento da autora recai sobre as declarações que permeiam os fatos e os reconstruem de acordo com suas interpretações. Esse “moldar” provoca questionamento sobre a inexistência de fatos por si só, na visão de Moretzsohn (2007), e se junta à afirmação de Alsina (2009) sobre a imposição das determinações midiáticas e seus critérios a partir do ecossistema de construção da notícia, definida como produto da mediação da instituição comunicativa. Ou seja, os fatos não falam por si nem são neutros. São construídos e reconstruídos.

Se o jornalismo reconstrói os fatos subjetivamente pelas declarações que são coletadas no palco dos acontecimentos - ou de casa - como as fontes participam dessa reconstrução considerando os interesses próprios e a validação desses discursos? Ainda é possível falar em *News Shapers* com a pandemia do novo coronavírus? A necessidade de se ouvir especialistas, estudiosos(as), cientistas, torna o jornalismo um espaço de escuta concentrada nos aspectos factuais relacionados à pandemia ou provoca desinformação quando continua confiando nas vozes autorizadas e oficiais que usam o espaço da mídia para a mentira e a desinformação? Se fonte oficial mente e contribui para os pseudo-fatos, o jornalismo consegue apurar pela ótica daqueles que devem possuir argumentos consistentes sobre o período vivenciado?

O trabalho aqui exposto não se propõe a responder diretamente a essas questões que demandariam de anos de pesquisa para entender as relações entre os fatos e suas implicações pelo olhar da cobertura jornalística. O objetivo do artigo é verificar como foram acionadas as fontes especializadas durante a cobertura sobre coronavírus nos radiojornais matinais transmitidos em rede nas emissoras *All News CBN* e *BandNews*. A coleta foi realizada entre o dia 20 de junho até o dia 8 de agosto de 2020, datas em que o Brasil atingiu 50 mil e depois 100 mil mortes pela Covid-19. A análise de conteúdo foi realizada com um mês, construído a partir das datas da primeira segunda-feira, segunda terça-feira, terceira quarta-feira, quarta

quinta-feira e quinta sexta-feira.

Com foco nas fontes especializadas e as especificidades do radiojornalismo na cobertura sobre períodos como a pandemia, o artigo pretende responder as seguintes questões: P1) - Como as fontes especializadas foram selecionadas durante o período de julho e agosto após as 50 mil mortes por Covid-19?; P2) - As fontes especializadas foram promotoras das notícias ou *News Makers* (SOLEY, 1992)?; P3) - Há uma igualdade no tratamento das fontes especializadas durante a cobertura nas questões sobre gênero e raça?; P4) - Quem são as vozes autorizadas sobre a pandemia do novo coronavírus no Radiojornalismo *All News* brasileiro?; P5) - Como as vozes são acionadas e identificam a temática sobre coronavírus nas emissoras?

## 2 AS FONTES ESPECIALIZADAS E O JORNALISMO

A dimensão que dá à voz a possibilidade de construir e reconstruir a realidade, relatar fatos e garantir a polifonia sobre os acontecimentos é o que confere singularidade ao radiojornalismo no cotidiano. Essa utilização da voz pelos sujeitos que produzem e os que são habilitados ou selecionados para falar, torna o texto radiofônico específico, em formato de espiral (CHAGAS, 2019). Para Meditsch (2001), a alternância dos sujeitos e a possibilidade polifônica do discurso radiofônico unem-se a uma lógica de sequencialização estruturada de forma circular, do *clock*, que substitui a linearidade. Ainda que a crítica do autor prevaleça sobre a homogeneização da estrutura da informação pelo fluxo estabelecido pelas emissoras, a polifonia do discurso jornalístico é uma de suas principais potencialidades, no que condiz às fontes selecionadas e aos temas abordados. Mas quem ou o que garante a autoridade dessas vozes?

Em trabalho anterior (CHAGAS, 2020), foi possível perceber que os radiojornalistas entendem a sonora como parte da materialização dos acontecimentos. Embora não assumam a possibilidade de transmitir também desinformação, essa constatação provoca uma confiabilidade perigosa no discurso das autoridades, na utilização das fontes oficiais e na abertura dos portões do gatekeeper para pseudo-fatos e mentiras. Seria não mais uma naturalização dos fatos (MORETZSOHN, 2007), mas também uma naturalização dos pseudo-fatos (GOMIS, 1991). Por outro lado, a alternância dos sujeitos, presentes nos argumentos de Meditsch (2001), é o que possibilita no rádio a diversidade pela busca diferentes pontos de vista ao longo de uma programação ao vivo, não fechada em si e que permanece aberta a novas apurações no desenrolar dos acontecimentos.

Por isso, em um período de pandemia muitas vozes são necessárias para compreender

o ambiente sanitário (fontes especialistas) e as decisões políticas (fontes oficiais) que estão em meio à cobertura. E, para compreender as diferentes disputas de sentido no contexto do novo coronavírus, torna-se fundamental enxergar as fontes a partir de seu protagonismo na promoção dos acontecimentos, como abordam Molotch e Lester (1999). Esses agentes, segundo os autores, podem ser divididos da seguinte forma: a) *News Promoters* (fontes oficiais ou oficiosas que provocam ou promovem notícias, ou até mesmo indivíduos com este potencial na sociedade); b) *News Assemblers* (jornalistas e o conjunto de trabalhadores da mídia); c) *News Consumers* (consumidores da informação).

A outra questão é o acesso que essas vozes têm ao espaço do jornalismo. Acesso nesse caso é diferente da acessibilidade ou da disponibilidade com que esses agentes estão para com os(as) jornalistas e que será tratado mais à frente. Ainda segundo Molotch e Lester (1999), os promotores das notícias tem acesso habitual, ou seja, no caso de fontes oficiais, sobretudo altos funcionários do governo; disruptivo, quando os acontecimentos promovidos se tornam um problema para os poderosos em manifestações, ocupações e outras atividades das fontes; ou então um acesso direto com a investigação de dados promovida pelos jornalistas com a criação de novas ocorrências.

Mas qual o acesso por parte dos(as) especialistas? Como funciona a relação entre jornalistas e fontes científicas? Mesmo que em um período fora do âmbito de uma pandemia, Costa Júnior (2017, p. 113) investiga a relação entre jornalistas e cientistas e suas percepções sobre os agentes de ambos os campos, com base no conceito de Pierre Bourdieu. Para o autor há uma escassez de espaço no jornalismo local para a busca de cientistas como fontes e uma rotina produtiva que impede uma diversidade de vozes científicas frente a outras áreas.

Esse conflito entre os campos por interesses de divulgação esbarra na capacitação dos profissionais da imprensa para o tratamento das informações científicas (BUENO, 2011) e na dependência dos jornalistas em relação às fontes (O'NEILL & O'CONNOR, 2008). Costa Júnior (2017) também identificou essa questão quanto às assessorias de imprensa que fazem essa ponte entre o conhecimento científico e a construção das notícias. É a clássica dependência das fontes que provocam o que Tabakman (2013) define como a busca pela reputação desses agentes. Para Tabakman (2013, p. 25), a falta de acessibilidade e a rotina vivenciada nas redações provoca uma busca pelas mesmas vozes que “ocupam uma posição de autoridade formal em centros médicos, universidades ou sociedades científicas”, sem o tempo necessário para apuração que gere o contraditório frente a outras fontes oficiais ou institucionais.

As fontes especializadas podem ser definidas no radiojornalismo como “profissionais com reconhecido saber científico ou conhecimento específico sobre determinado campo em torno do qual está se desenvolvendo uma cobertura jornalística” (KISCHINHEVSKY & CHAGAS, 2017). Algo que se aproxima à pesquisa de Schmitz (2011, p. 27) que considera esse tipo de voz como “pessoas ou organizações dotadas de saber específico, capazes de analisar as possíveis consequências de determinadas ações ou acontecimentos”. Para o autor, o jornalista procura essas fontes em busca de “informações secundárias ou complementares” em temas complexos.

Por outro lado, convém questionar a lógica da fonte especialista como um(a) agente secundário na cobertura da pandemia do novo coronavírus. Bueno (2011) ressalta o jornalista como refém das fontes especialistas na tradução das informações, porém a situação vivenciada nesse período não é de dependência de informações confiáveis para construir embasamentos de políticas sociais? Na busca pelas informações corretas que ditam os acontecimentos e suas implicações, a fonte especialista poderia se tornar um(a) agente primário(a) na cobertura ou até mesmo alguém a ter os discursos contrapostos e apurados para a garantia da informação correta?

Nesta perspectiva das diferenças nas formas de acesso e implicação da fonte especializada, o pesquisador Lawrence C. Soley (1992) propõe uma interessante categorização a partir de um estudo sobre origens demográficas dos jornalistas em Washington. Mesmo que distante da realidade de um país periférico, principalmente no cenário do radiojornalismo, o autor destaca uma característica que envolve a formação de repórteres de elite, próximos a grandes personagens empresariais, políticos e as *Think Tanks*. O local de crescimento e vivência dos profissionais pesquisados no nordeste dos Estados Unidos e na capital indicavam que o prestígio era ligado muito mais a empresários, líderes governamentais e sociólogos de grandes universidades do que com trabalhadores afro-americanos. Nesse caso, segundo argumenta, as fontes refletem as características dos próprios repórteres.

No momento em que escreve propõe uma distinção entre *News Makers* e *News Shapers* na construção e nos comentários da notícia no cotidiano que influenciam diretamente na seleção dos assuntos promovidos pelas fontes. Os *News Makers* incluem as notícias com criminosos e vítimas, funcionários do governo, candidatos, líderes militares, terroristas e reféns, líderes de organizações como fontes. Já os *News Shapers* constituem os analistas destacados, ou os especialistas que comentam e determinam novas possibilidades de

interpretação dos acontecimentos.

Cada vez mais comum em redes *All News* de rádio e televisão, os *News Shapers* são cientistas políticos, especialistas, estudiosos, cientistas vistos como pessoas apartidárias, mesmo que já tenham passado ou possuam em seu histórico algum tipo de partidarismo (SOLEY, 1992). Segundo argumenta, esses profissionais são apresentados como fontes especializadas que apresentam um ar de neutralidade a partir de títulos como médico(a) cientista político, jornalista ou economista. Na maior parte das vezes eles não fazem parte do evento e atuam com a função de elaborar análises ou comentar determinadas políticas, atitudes ou notícias produzidas pelos repórteres sobre os *News Makers*.

A crítica do autor sobre o processo de seleção das fontes consideradas *News Shapers* é baseada em Tuchman (1999), no que refere à busca de um relato “objetivo” dos fatos e a consequente manutenção do status quo. A ausência de crítica sobre a ordem social existente, para Soley (1992) decorre justamente da procura pelo que chama de fontes convencionais, formada por porta-vozes oficiais de governos, empresas, grupos comerciais e associações profissionais ou então nas *Think Tanks*. A explicação para a falta de diversidade e a utilização recorrente de “fontes convencionais” estaria no fato de que as instituições legitimadas possuem uma agenda de histórias atrativa e setORIZADA, o que facilita “cooptar” os profissionais.

Soley (1992) identifica uma questão que provoca um debate necessário sobre a seleção das fontes: a identificação e a ideia de que muitas vozes surgem da relação de proximidade e das características dos repórteres. Com uma das questões conceituais e metodológicas na pesquisa direcionada para o tratamento das fontes especializadas durante a cobertura e suas relações de gênero e raça, como as características sul-americanas ou latino-americanas também estão presentes no momento da escolha das vozes? Há uma racionalidade colonizadora no âmbito da seleção pelos profissionais em contexto de periferia?

O local de fala de Lawrence Soley (1992), os Estados Unidos, ainda impede de enxergar os conflitos existentes no âmbito de uma América Latina colonizada e explorada ao longo de séculos. Aníbal Quijano (1992) argumenta que a dominação europeia esteve presente nos âmbitos da política, da sociedade, da cultura e do conhecimento ao pregar uma totalidade epistemológica pela visão dos colonizadores. A estrutura colonizadora implica neste sentido, discriminações raciais, étnicas, sociais, de gênero, antropológicas, nacionais entre outras assumidas em construções subjetivas até mesmo com aquilo que o autor chama de pretensões “científicas” e “objetivas” (aspas do autor). A matriz da colonização, segundo



Quijano (1992, p. 12) na interioridade, no imaginário dos dominados foi a herança após o fim da repressão, morte e escravização com a independência política dos países colonizados, mas que permanece como estrutura de dominação mundial pela perspectiva do conhecimento: “A repressão recaiu, antes de tudo, sobre os modos de conhecer, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens, sistemas de símbolos, modos de significação, recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual”.

Enfim, esse poder político sobre o conhecimento e de quem devemos conhecer reclama as questões de Spivak (2017) sobre quem pode falar e de Kilomba (2019, p. 50): “Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento?”. Para Quijano (1992, p. 19) a crítica a esse paradigma de uma racionalidade colonizadora diante do paradigma da modernidade/colonialidade não se propõe a negar o conhecimento do eixo norte do mundo, mas sim de “desprender-se das vinculações da racionalidade/modernidade com a colonialidade, em um primeiro momento, e em definitivo com todo poder constituído na decisão livre de um povo livre”.

Enfim, a discussão que não se acaba aqui, também se torna urgente ao pensar quem pode falar e quem fala no radiofônico. O descolamento entre a voz e o sujeito, entre a voz e a cor, por mais que esteja cada vez mais visível em tempos de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016) e hipermidiático (LOPEZ, 2010), provoca a discussão sobre quem selecionamos para a expressão do conhecimento de suas realidades no cotidiano do rádio informativo sobre diferentes perspectivas. Se mulheres, negros/as estão ausentes ou em menos representatividade da cobertura científica como fontes, há uma racionalidade colonizadora na construção de vozes autorizadas nas notícias sobre coronavírus?

### **3 AS FONTES ESPECIALIZADAS NA BANDNEWS E NA CBN**

Os processos de seleção das notícias e as escolhas das fontes que compõem o noticiário radiofônico são permeados por decisões rápidas, não transparentes e internalizadas pelos jornalistas em critérios de noticiabilidade e valores notícia. Por isso, a interpretação dos dados relativos aos programas categoriza os diferentes tipos de fontes já trabalhados nas teorias do jornalismo com classificação proposta para o radiojornalismo (KISCHINHEVSKY & CHAGAS, 2017). Desta forma, as frequências empíricas (BARDIN, 1977) possibilitam delimitar a seleção de determinados tipos, como as especializadas - foco desta pesquisa -, oficiais, empresariais ou populares na temática específica sobre coronavírus na cobertura dos radiojornais matinais da CBN (Jornal da CBN 1ª Edição) e da BandNews (Jornal BandNews).

A coleta dos programas foi realizada entre o dia 20 de junho e dia 8 de agosto de 2020 com um mês construído entre as datas que marcam os números de 50 mil e depois 100 mil mortes pela Covid-19 respectivamente, com um intervalo de uma semana antes e depois da cobertura cotidiana nas seguintes datas: a sexta-feira (03/07), segunda-feira (06/07), terça-feira (14/07), quarta-feira (22/07) e quinta-feira (30/07). Por fim, os critérios de análise para a escolha das notícias partiram da temática “pandemia do novo coronavírus” com os seguintes eixos:

- I) *Tipos de Fontes*: Oficiais, empresariais, institucionais, testemunhais, populares, especialistas e notáveis;
- II) *Número de Fontes*: verificou-se neste ponto o número de vozes (1, 2, 3, 4 ou 5 ou mais) selecionadas em cada notícia, de forma a demonstrar a pluralidade e diversidade nas reportagens sobre a temática e a possibilidade do contraditório;
- III) *Notícias com Especialistas* (que abordaram a temática do novo coronavírus ouvindo cientistas ou pesquisadores em diferentes áreas) e *Notícias sem Especialistas* (que abordaram a temática, porém sem ouvir vozes tidas como especializadas).

Por fim, aplicamos uma estratégia de verificação e identificação das fontes especializadas de forma a reconhecer os problemas na relação entre jornalistas e cientistas (BUENO, 2011; COSTA JÚNIOR, 2017) e a necessidade de pensar “quem são as vozes autorizadas” sobre a temática. No primeiro âmbito foram identificadas as fontes buscando pelos currículos de pesquisa dos(as) agentes e as formas com que são citadas durante o radiojornal. No segundo âmbito sobre esse tipo de fonte, a partir da identificação e verificação optamos por analisar qualitativamente a presença de vozes masculinas e vozes femininas; vozes negras, vozes brancas, vozes pardas, vozes não identificadas em cor/raça.

A Central Brasileira de Notícias (CBN) integra o Sistema Globo de Rádio com quatro emissoras próprias em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de 27 afiliadas presentes em 20 Estados mais o Distrito Federal. Segundo dados do Kantar Ibope Media divulgados pelo portal Tudo Rádio<sup>1</sup>, a CBN em São Paulo lidera o segmento e é a mais próxima do Top 10 na capital. No Media Kit<sup>2</sup> da empresa, pelo mesmo instituto de pesquisa, a CBN destaca que alcança mais de 700 municípios com um potencial de 94 milhões de ouvintes

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/23771-panorama-em-tempos-de-pandemia-audiencia-de-radio-em-sao-paulo-segue-crescendo>. Acesso em setembro de 2020.

<sup>2</sup> Mídia Kit Somos CBN. Disponível em: <https://anunciesgr.globo.com/cbn/documentos/midia-kit.pdf>. Acesso em setembro de 2020.



em sua rede. É interessante notar que durante a pandemia a emissora diminuiu o alcance no *dial* de 4,2 milhões de pessoas em 2019, segundo dados do Media Kit do ano, para 3,4 milhões de janeiro a abril de 2020. Por outro lado, os acessos no site e no aplicativo passaram de 4,5 milhões para 6,6 milhões no site, com 2,2 milhões de usuários(as) ativos(as) e 17,2 milhões de visualizações no *App*.

A BandNews faz a dobradinha com a CBN na disputa pelo segmento jornalístico na rede radiofônica. Ela é parte de um conjunto de emissoras sob o comando da Família Saad no Brasil, que integra ainda redes de televisão abertas e fechadas, portais na internet e a própria rede de radiodifusão. Fundada em 2004 na capital paulistana, após a compra da então Rádio Sucesso, foi a primeira a transmitir notícias 24h em FM no país e, em 2018, conta com cabeças de rede em São Paulo e Rio de Janeiro e afiliadas em Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Brasília Fortaleza, João Pessoa, Vitória e Orlando, nos Estados Unidos, entre outras praças.

**Tabela 1: Tipos de fontes**

Tipos de Fontes	CBN	BANDNEWS
OFICIAIS	52,5%	52,6%
EMPRESARIAIS	5,9%	8,8%
INSTITUCIONAIS	7,9%	0%
TESTEMUNHAIS	10,9%	17,5%
POPULARES	2%	8,8%
ESPECIALISTAS	19,8%	12,3%
NOTÁVEIS	1%	0%

Fonte: autoria própria

A cobertura sobre a temática coronavírus ou pandemia ouviu um total de 158 vezes nas duas emissoras, com as porcentagens na *Tabela 1: Tipos de Fontes*. As características de cada uma diferenciam a forma de busca pelas vozes que são citadas enquanto fontes e aquelas que são ouvidas, ou seja, a CBN ouviu um total de 101 agentes, enquanto a BandNews, 57. É importante salientar que o formato desta última privilegia os comentários por parte dos âncoras Luiz Megale, Carla Bigatto e Sheila Magalhães que alternam as notícias conversando sobre os assuntos relacionados a essas chamadas. Isso reforça a ideia da sequencialidade em espiral (MEDITSCH, 2001) com zonas altas e baixas na distribuição das fontes consultadas (CHAGAS, 2019).

Os dados sobre a tipologia de fontes também permitem identificar dois fatores na produção noticiosa das emissoras. Primeiro, a oficialidade se mantém como tradição e estratégia na cobertura com a permanência da hierarquia da credibilidade nas vozes oficializadas da sociedade (TRAQUINA, 2005). Essa confiança nas declarações oficiais demonstra que as fontes mais citadas durante o período são o presidente Jair Bolsonaro, o Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello e o governador de São Paulo João Dória. Aparecem também ministros do STF, como Gilmar Mendes, o presidente da Caixa Econômica Federal e secretários de saúde municipais de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

O segundo ponto a considerar é o crescimento no número de especialistas, mesmo que ainda não cheguem nem a metade das vozes oficiais e que atuam como *News Shapers* nas análises sobre os números e questões relacionadas ao ambiente do novo coronavírus. Na CBN esse número representa o segundo tipo de fonte mais ouvida com 19,8%, enquanto na BandNews o percentual chegou a 12,3%. Estão presentes também generalizações como a citação “especialistas afirmam”, “especialistas dizem”, “especialistas esperam”, sem a possibilidade de ouvir verificações que garantam confiabilidade às proposições afirmadas pelos profissionais. É o ritual de credibilidade, destacada por Tuchman (1999), que prejudica o ambiente de apuração e de confirmação necessária para problematizar os fatos (MORETZSHON, 2007).

O número de fontes, presentes na Tabela 2, em uma mesma notícia na CBN e na BandNews no total de 96 matérias coletadas durante o período propõe uma discussão sobre a ausência do contraditório nas duas emissoras que privilegiam poucas vozes nos conteúdos. Por outro lado, é preciso aprofundar às relações entre as ideias de diversidade e pluralidade (KISCHINHEVSKY & CHAGAS, 2017) e de que nem sempre um número maior de notícias revela a ampliação dos pontos de vista sobre uma questão (BENETTI, 2007). O *fairness* como estratégia de ouvir os dois lados, como afirma Sponholz (2009, p. 31) pode até servir para “averiguar se uma informação é correta, [mas] trata-se de uma alternativa limitada, já que declarações contraditórias não contribuem necessariamente para uma aproximação da realidade”.

**Tabela 2: Fontes por notícia**

Número de fontes	CBN	BANDNEWS
1	51,6%	70,6%
2	32,3%	14,7%

3	11,3%	8,8%
4	4,8%	5,9%
5 ou mais	0%	0%

Fonte: autoria própria

Do conjunto de notícias analisadas, 28,8% na CBN ouviram algum tipo de especialista, contra 71,2% sem esse tipo de fonte. Na BandNews, o total de matérias com a ausência de vozes especializadas foi de 85,3% contra 14,7% citando algum tipo de cientista. A maior parte da cobertura com a temática, como demonstrado nas tipologias de fontes, destaca a ausência de especialistas na cobertura. E em alguns casos, a escuta não necessariamente é sobre saúde. Esse é o caso de fontes selecionadas para explicar a situação econômica na crise sobre coronavírus com o economista especializado em saúde integrante do Banco Mundial André Médici, na CBN. Na mesma emissora, a fonte mais ouvida foi o colunista que Luiz Fernando Correa que já apresentava diariamente o quadro “Saúde em Foco”. Ao longo da programação, também são ouvidos duas vezes no mesmo mês o infectologista indicado pela assessoria de imprensa da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical Dalci Albuquerque e o professor da UFRJ João Claudio Miglovski.

A cobertura da pandemia é permeada pela indicação de assessorias de imprensa de universidades, algo que é citado pelos jornalistas durante a apresentação, como é o caso dos médicos Paulo Gallo de Sá do Hospital Pedro Ernesto da Universidade do Estado do Rio Janeiro e Beatriz Helena Carvalho Tess, da Universidade de São Paulo. Os infectologistas Celso Granato, indicados pela SatéCorp, marca do Grupo Fleury, e Cristhieni Rodrigues, do Sírio Libanês compõem esse conjunto pelas instituições privadas. Ana Cristina Duarte é a fonte obstetra que falou sobre os partos humanizados em casa durante período. Ela integra o Coletivo Nascer, um grupo de médicas obstetras e obstetras que atendem esse tipo de parto em São Paulo.

Na BandNews, a generalização é realizada diversas vezes na programação seguida de quatro fontes que se destacam na cobertura. A psicanalista Vera Iaconelli, ouvida na pauta sobre a saúde mental no período da pandemia é diretora do Instituto Gerar de Pscicanálise e já atua como colunista da Folha de São Paulo. Outro colunista ouvido como fonte na programação da BandNews é o médico infectologista Jean Gorinchteyn do Instituto Emílio Ribas e do Hospital Israelita Albert Einstein. Ele foi uma das fontes mais ouvidas pelos meios de comunicação em São Paulo e foi indicado pelo governador João Doria como novo Secretário de Estado de Saúde do Estado durante o período de análise. Nesse caso, as datas

em que é ouvido nos dias 3, 6 e 14 de julho identificam ele como especialista, que analisa as situações. Por outro lado, a partir do momento que assume como secretário, nos dias 22 e 30 de julho, ele passa a ser uma fonte oficial pelo cargo que ocupa, o que influencia na própria forma de tratamento do jornalismo. Passa de um *News Shaper*, analista secundário, a um *News Maker*, que propõe e explica ações como fonte primária.

Por fim, a Band News, ouviu ainda a presidente da associação de Medicina Intensiva, Suzana Margareth Ajeje Lobo e a Coordenadora da Vacina de Oxford no Brasil, professora de Infectologia Pediátrica Lily Yin Weckx, também professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A identificação dessas vozes na programação permite refletir sobre alguns aspectos pela busca do currículo dos(as) agentes especializados(as) naquilo que chamamos aqui de racionalidade colonizadora na seleção das fontes. Como destacam Kilomba (2019), Soley (1992) e Quijano (1992) a proximidade das relações pessoais de identificação em um conhecimento difundido ainda baseado na relação eurocêntrica é afetada ainda mais por características inerentes à sociedade brasileira. Entre elas está a desigualdade entre negros(as) e brancos(as) no acesso a cursos como medicina ou aos próprios institutos de pesquisa na área.

Tanto na CBN, como na BandNews, todas as fontes especializadas são pessoas brancas. Na primeira foram 13 vezes em que homens apareceram, enquanto 3 vezes mulheres. Na emissora do grupo bandeirantes, o único homem citado é Jean Gorinchteyn, ao lado de três mulheres. Por outro lado, ele foi acionado em quase o dobro de notícias com mulheres. Essa dimensão se aprofunda com os questionamentos de Kilomba (2019) sobre quais conhecimentos estão sendo reconhecidos e quais não. Mesmo que a pandemia tenha atingido em sua maioria, durante o período de análise, pessoas das regiões periféricas do país, as fontes ouvidas estão em um âmbito de reconstrução da realidade totalmente diferenciada dessas pessoas.

Por outro lado, vale aqui ressaltar que a escolha das fontes foi dificultada pela pandemia, alterando as formas de relação e acessibilidade. Mesmo diante de bancos de fontes como o Projeto Entreviste um Negro<sup>3</sup> e a Agência Bori<sup>4</sup>, ainda assim há a manutenção das fontes oficiais e da relação privilegiada com as assessorias de imprensa. Por mais que este

<sup>3</sup> Projeto Entreviste um Negro atua desde 2016. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/entreviste-um-negro-por-um-jornalismo-plural-e-inclusivo/>. Acesso em setembro de 2020.

<sup>4</sup> Agência Bori. Disponível em: <https://serrapilheira.org/agencia-bori-quer-mostrar-a-sociedade-que-o-brasil-produz-ciencia/>. Acesso em setembro de 2020.

trabalho não tenha o interesse de verificar os constrangimentos organizacionais sofridos durante a pandemia, os dados apontam para a necessidade de questionamentos acerca da diversidade de pontos de vista necessários na cobertura sobre o novo coronavírus.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: QUEM SÃO AS VOZES HABILITADAS?

A cobertura sobre a temática pandemia da Covid-19 revelou a disparidade na produção noticiosa durante o período em que o Brasil passou de 50 mil para 100 mil mortes. Ainda que este seja um recorte pequeno na complexa realidade em que vivemos na atualidade, é possível perceber que as vozes habilitadas ou autorizadas, escolhidas em um processo de seleção ainda são essencialmente oficiais. No caso das especialistas, estão centradas em homens brancos definidos pelas relações de acessibilidade, proximidade e a utilização de mecanismos como assessorias de imprensa e departamentos de comunicação.

Os dados respondem as questões realizadas na introdução desta pesquisa. Ainda é cedo para dizer que as fontes especializadas são promotoras dos acontecimentos ou atuam como *News Makers* durante a cobertura. Mesmo em um período de pandemia, a utilização de cientistas na cobertura sobre a temática não teve um agenciamento primário de forma a construir notícias que destacassem proposições para políticas públicas ou ações por parte do poder público. Em sua maioria, tanto CBN como BandNews utilizaram esse tipo de fonte para esclarecer situações, conscientizar sobre a saúde mental, isolamento, transmissão, utilização da máscara ou análise de decisões governamentais. A hipótese, fundamentada na divisão de Soley (1992) não se confirma pela programação das emissoras.

A confiança nas fontes oficiais como parte de uma racionalidade colonizadora presente no jornalismo que prefere os dados oriundos de pessoas com maior grau de proeminência se destaca nesse período. Portanto, é possível afirmar que a ausência de negros e negras cientistas não pode ser explicada apenas pela realidade sócio educacional brasileira que exclui esse grupo da população do acesso a formações como a Medicina. É preciso, nesse, caso questionar como os bancos de fontes estão sendo utilizados e as motivações que não são expressas em critérios de noticiabilidade e de *gatekeeping*. Onde estão as vozes negras no radiojornalismo?

O acionamento declaratório pela utilização de sonoras evidencia um conhecimento compartilhado sobre a temática do novo coronavírus baseado nas fontes oficiais, em testemunhas que reafirmam ou reclamam sobre o isolamento vivenciado e em especialistas oriundos das classes A e B. O reconhecimento sobre a importância desse espaço de fala e da



seleção das fontes é fundamental como forma de questionar o paradigma da modernidade/colonialidade e também a atuação do radiojornalismo matinal em rede que atinge cidades do Brasil todo no debate sobre a pandemia. A reconstrução da realidade que dá margem para declarações mentirosas e a ausência de declarações verificadas oriundas da ciência são passos fundamentais para fugir da ideia de *fairness*, ou de uma pluralidade que não garante debates racionais durante o período.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENETTI, M. Análise do discurso em jornalismo: estudos de vozes e sentidos. In: BENETTI, M.; LAGO, C. (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BUENO, W.C. As fontes comprometidas no jornalismo científico. In: PORTO, C.M.; BROTAS, A.M.P.; BORTOLIERO, S.T. (Org.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 55-72.
- CHAGAS, LUÑAN J. V. The Spiral Model in the Text of Live Radio Journalism. **Journal of Radio & Audio Media**, v. 26, p. 231-246, 2019.
- CHAGAS, LUAN. J. V. **A sonora como materialização do acontecimento e a naturalização dos fatos na seleção das fontes**. Anais do XXIX Encontro Anual da Compós. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.
- COSTA JÚNIOR, Carlito Alexandre. **Estudo de caso da relação entre jornalistas e fontes na cobertura jornalística sobre o conhecimento científico produzido pela UDESC**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. Barcelona: Editorial Paidós, 1991.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo; CHAGAS, Luñan. Diversidade não é igual a pluralidade – Proposta de categorização das fontes no radiojornalismo. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, v. 1, n. 36, dez. 2017.
- LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: UBI/LabCom Books, 2010.



MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação – Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

O’NEILL, Deirdre; O’CONNOR, Catherine. The passive journalist: how sources dominate local news. **Journalism Practice**, London, v. 2, n. 3, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidade. **Perú Indígena**, Lima, v.12, n.29, p.11- 20, 1992.

SCHMITZ, Aldo A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SOLEY, L. W. **The news shapers: the sources who explain the news**. New York: Praeger Publishers, 1992.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade: além do espelho e das construções**. Série Jornalismo a Rigor. V. 4. Florianópolis: Insular, 2009.

TABAKMAN, Roxana. **A saúde na mídia: Medicina para jornalistas, jornalismo para médicos**. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

*Original recebido em: 24 de maio de 2021*

*Aceito para publicação em: 22 de fevereiro de 2023*

*Luãn José Vaz Chagas*

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com estágio doutoral na Universidad Complutense de Madrid.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

